

OS   
AVENTUREIROS

OS CAÇADORES DE RELÍQUIAS  
ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA  
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: EDUARDO OLIVEIRA

## OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 4º, 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: [www.isabelricardo.pt](http://www.isabelricardo.pt) e visita a página de Facebook:

[www.facebook.com/SerieOsAventureiros](https://www.facebook.com/SerieOsAventureiros)

E-mail para leitores: [aventureiros@isabelricardo.pt](mailto:aventureiros@isabelricardo.pt)

E-mail para professores: [encontroscomaautora@isabelricardo.pt](mailto:encontroscomaautora@isabelricardo.pt)





Viva, malta!  
Cá estão novamente OS AVENTUREIROS!

Como já desconfiavam, o Tó Jú, o Cris, o Daniel, a Bia e, claro, o *João*, o nosso corvo traquina que adora imitar tudo e todos, vão mergulhar de cabeça noutra aventura perigosa, repleta de peripécias, desta vez na encantadora vila de Penela.

Adorei conhecer o concelho de Penela e todos os locais que descrevo no livro. Penela possui um património fabuloso!

Durante uma semana, tive o privilégio da alegre companhia da Diretora da Biblioteca Municipal, a Maria Paula Ferreira, e do entusiasmo do Chefe de Divisão da Cultura e Educação, o Mário Duarte, que, para além de me transmitirem inúmeras informações importantes, fizeram a visita guiada aos tesouros de Penela, e são muitos! Dois castelos medievais, duas *Villas* romanas (até ver), grutas fantásticas, além de uma paisagem esplendorosa, de nos deixar sem fôlego.

Assim que vi a estampa da argola de Penela, desaparecida há mais de cem anos, e ouvi a sua história, senti que ela tinha de fazer parte do enredo do livro. Logo imaginei uma forma de isso acontecer...

Queria agradecer à arqueóloga Sónia Vicente pelas informações sobre as *Villas* romanas e pela experiência incrível que me proporcionou de participar na escavação arqueológica por dois dias. Foi extremamente emocionante!

Praticar arborismo no Parque Aventura do Espinhal (*ExperTree*) também me ofereceu momentos que jamais

esquecerei. Um agradecimento especial a toda a equipa e ao Edgar em particular, que me tirou dezenas de fotos bem giras que guardo com muito carinho.

Conhecer a cativante *Gruta do Soprador do Carvalho* foi uma oportunidade maravilhosa e inesquecível. É simplesmente fabulosa! Foi muito empolgante caminhar pelo rio subterrâneo e ouvir só o som da água, durante um quilómetro, sem esquecer as passagens estreitas por onde tive de passar e a aventura da subida por cordas... Sinto sempre uma imensa admiração pelos espeleólogos. Há visitas organizadas para grupos em que podem participar com os vossos pais ou amigos. O meu guia foi o simpático Paulo Rocha: incansável, respondeu às minhas inúmeras perguntas e reviu a parte que escrevi sobre as peripécias na gruta.

Todas estas aventuras especiais foram amavelmente proporcionadas pela Câmara Municipal de Penela.

Visitei igualmente a Feira Medieval e diverti-me imenso. Andam todos vestidos a rigor e há um número infundável de atividades. Apareceram até duas personagens muito engraçadas, o Murso e o Lurso, que arrancaram risadas gerais. Se puderem, visitem a Feira Medieval de Penela. Não se arrependerão. Só não me foi possível incluí-la neste livro. Quem sabe num posterior...?

O meu agradecimento também ao Flávio Simões que me facultou as informações sobre antropologia; à Célia Cruz, pelas que me disponibilizou sobre Penela, acompanhando-me ao Castelo do Germanelo; e novamente à Câmara Municipal de Penela pelas agradáveis estadias no Hotel Duécitânia durante a pesquisa para este livro.

Obrigada pela hospitalidade e pela forma calorosa como todos me receberam.

Aos inúmeros fãs dos AVENTUREIROS, a minha amizade e apreço pelo entusiasmo que me transmitem. É bom

saber que, quando leem um dos livros, se tornam fãs incondicionais desta coleção.

**Os Aventureiros e os Caçadores de Relíquias** está ao vosso gosto, com muita ação e mistério e, claro, imensas gargalhadas.

Um grande abraço da vossa amiga

A handwritten signature in black ink that reads "Isabel Ricardo". The signature is written in a cursive, flowing style with a long, sweeping tail on the final letter.



O meu agradecimento muito especial ao Camões — Instituto da Cooperação e da Língua e à Coordenação do Ensino de Português nos EUA pelo convite para visitar as escolas comunitárias portuguesas e escolas públicas americanas da Costa Leste dos EUA, proporcionando-me a maravilhosa oportunidade de conhecer tantos alunos e professores espetaculares! Foram onze dias fabulosos e uma experiência muito enriquecedora que jamais esquecerei!

O meu carinho à Escola Portuguesa de New Bedford/Discovery Language Academy School. Às escolas do distrito escolar de Brockton, MA, (Programa Bilingue UNIDOS): Joseph Plouffe Middle School, Manthala George Jr. Elementary School e East Middle School. À Escola Portuguesa de Peabody, MA, International Charter School, Pawtucket, RI, e Martin Luther King Open School, Cambridge, MA (Programa Bilingue OLÁ).

À East Side High School, Newark, NJ; Escola Portuguesa de Kearny, NJ; Escola Amadeu Correia, Elizabeth, NJ; Long Branch School, NJ; Escola Nossa Senhora de Fatima, Hartford, Connecticut; Escola Fernão de Magalhães, Tarrytown, NY; Escola Portuguesa de Clark, NJ; Escola Luís de Camões, Newark, NJ; Centro Romeu Cascaes, Harrison, NJ; e Escola Portuguesa Infante D. Henrique, South River, NJ.

Um abraço apertado aos alunos e professores da E.B. de Glória, Estremoz, pela forma calorosa com que sempre me recebem.

Às Bibliotecas Municipais de Elvas, Nazaré e Seia.

Um agradecimento também à E.B.2,3 Dr. Abranches Ferrão; E.B.2,3 Tourais-Paranhos; E.B.2,3 Guilherme Correia Carvalho, Seia; E.B.2,3 Dr. Ruy de Andrade, Entroncamento; Universidade Sénior de Carnaxide; Colégio Luso Britânico e Agrupamentos de Escolas de Vila Boim, Santa Luzia e Boa-fé, Elvas. Ao Centro Escolar Salgueiro Maia, Santarém, e E.B.2,3 D. Pedro II, Moita.





CAPÍTULO I

*Um convite fabuloso!*

**M**iguel Soares entrou em casa, com um ar animado. Era um homem jovem, alto e de rosto simpático.

Um corvo voou ao seu encontro, aos gritinhos esganiçados, e poisou-lhe no ombro, começando a roçar o bico na sua orelha.

— *João*, meu pirata, deixa a minha orelha em paz! Preciso dela! — disse Miguel, com uma gargalhada prontamente imitada pelo engraçado corvo.

«Ó meu, tu ‘tás cada vez pior! Não há explicação!»

*João* era um corvo muito inteligente e esperto; conseguia imitar todos os sons e vozes que ouvia, repetindo as frases mais loucas, para surpresa de quem o conhecia pela primeira vez. Era deveras travesso e adorava pregar partidas. Também parecia ter uma particular habilidade em saber quando as pessoas não eram de confiança e não se coibia de demonstrar o seu desagrado por elas com algumas bicadas valentes.

Miguel, depois de ir beijar a mulher que estava sentada na sala a bordar, dirigiu-se à salinha de estudo, sempre a rir com as frases que *João* ia falando.

O corvo chegou lá primeiro e foi poisar no ombro de uma rapariga de treze anos muito bonita: olhos verde-claros, umas engraçadas sardas no nariz arrebitado e cabelos encaracolados castanho-dourados, esparramada num sofá a ler. Um rapaz de cabelo louro muito claro e olhos azuis encontrava-se sentado à secretária, a desenhar. Ergueu os olhos ao ver o pai entrar. A sua expressão não mentia: trazia novidades!

— Bia, Cris, que me dizem a ir visitar uma *Villa*<sup>1</sup> romana em Penela<sup>2</sup> e participar até numas escavações arqueológicas durante dois dias?

Os filhos trocaram olhares, entre surpreendidos e empolgados.

— Oh, pai, claro que queremos! Deve ser incrível fazer parte de uma escavação arqueológica! — respondeu Cris, com um sorriso, mas lançando um olhar de reprovação ao corvo. Este dava pequenos arrotos, seguidos de um «Perdão!» muito arrependido, enquanto o fitava com os seus olhitos espertos e a cabeça de lado. — Malcriado! Bia, devias proibi-lo de fazer isto!

A irmã fez uma careta e ralhou baixinho com o corvo, que emitiu um «*Ay, madre mia!* Olha que tu levas!...», provocando-lhe uma risadinha e um carregar de sobrolho de Cris. Aquele corvo não tinha emenda! Não havia nada a fazer.

Miguel sentou-se num *puf*, tentando não se desequilibrar e ir parar ao chão. A mãe dos jovens surgiu à entrada da salinha, curiosa.

— Encontrei uma amiga que já não via há imensos anos, a Sónia Vicente, que é arqueóloga em Penela. Foi ela que me endereçou o convite. Logo imaginei que vocês ficariam interessados...

— Que fixe, pai! Que entusiasmante colaborar numas escavações arqueológicas!... — exclamou Bia, com os olhos a brilhar ao imaginar-se já uma Indiana Jones de saias.

Cris desviou os olhos da irmã cuja imaginação já voava para muito longe.

— O trabalho dela deve ser bem interessante. Ir descobrindo partes do nosso passado... — comentou, animado.

---

<sup>1</sup> *Villas* eram casas senhoriais romanas. (Nota da Autora.)

<sup>2</sup> Penela fica situada na região Centro, a sul do distrito de Coimbra e a meio caminho entre Lisboa e Porto. (N. da A.)



— Verdade. Sempre tive vontade de experimentar. — Miguel trocou um olhar com a mulher e depois virou-se para os filhos. — Lembrei-me de que seria um belo presente de aniversário adiantado para o Cris... Daqui a poucos dias fazes anos.

O rapaz sorriu, agradado.

— Adorei a ideia, pai! É o presente mais original que recebi!

— Penela é uma vila muito bonita e cheia de encantos, com um património histórico e natural maravilhoso! Acho que vão gostar muito de conhecer — informou Miguel, sorrindo. — Tem até algo que a Bia adora...

A filha fitou-o com um sorriso de orelha a orelha.

— Um castelo?!

Miguel sorriu-lhe, divertido.

— Tem dois! O castelo da vila é fenomenal e é lá que costuma decorrer anualmente a Feira Medieval, com toda a gente trajada a rigor, e imensas atividades.

Bia já estava com a cabeça a mil à hora: castelo, feira medieval, escavação arqueológica... Começou a remexer-se como se estivesse a ser atacada por uma dúzia de pulgas.

— Oh, pai, que fixe deve ser! Tem dois castelos?!

Miguel deu uma gargalhada bem-humorada.

— Dois castelos, duas *Villas* romanas, um sistema de grutas fenomenais... Parece que em Penela vem tudo aos pares!

— Que pinta!

— Espetacular! E podemos visitar essas grutas, pai?

— Penso que se organizam visitas, por isso podem visitá-las, sim! Além de poderem praticar arborismo no Parque Aventura do Espinhal, também conhecido por *ExperTree*...

— Arborismo?! Que raio é isso? — perguntou Cris.

— Desporto em árvores. É muito apreciado pela malta mais jovem e tem percursos para as várias idades. Andam empoleirados nas árvores, como os macacos, praticando desportos radicais — informou Miguel, com um piscar de olho.

O rosto de Bia iluminou-se num sorriso rasgado de excitação, mas o irmão não partilhou do seu entusiasmo. Não era muito bom em desporto. No entanto, todas as outras atividades que o pai mencionara interessaram-lhe imenso.

Ana Maria ouvia a conversa, atenta, mas até ao momento não se pronunciara. Era novidade para ela também.

— Onde fica Penela, pai?

— A cerca de trinta quilómetros de Coimbra, uns vinte e cinco minutos de carro. Penela é uma terra muito antiga. Em 1137, ainda nem sendo rei de Portugal, D. Afonso Henriques concedeu-lhe foral.

Bia e Cris escutavam-no, atentos e com um grande entusiasmo.

Repentinamente, Bia virou-se para o irmão que, pela sua expressão, adivinhou o que lhe ia na mente.

— Pai, podemos convidar o Tó Jú e o Daniel para irem connosco?

Tó Jú e Daniel eram filhos de Cristina, prima de Miguel, e viviam na Nazaré. Haviam-se conhecido na cativante praia há uns verões e ficado inseparáveis, apesar de no início ter havido grandes discussões e atritos entre eles. Depois da aventura<sup>3</sup> empolgante lá vivida, que até envolvera a descoberta de lingotes de ouro nazi numas grutas secretas, tinham-se tornado tão bons amigos que em todas as férias se juntavam.

Bia esboçou um sorriso deslumbrante.

— Eles iam adorar, pai!

Miguel deitou um olhar de esguelha à mulher, que estava com um ar sério, provocando um certo desconforto nos filhos.

— Oh, mãe, seria fantástico para eles também!

— Os miúdos têm razão, Ana. Nunca mais terão essa oportunidade, sabes bem. É a oportunidade de uma vida!

Bia olhava de um para o outro, ansiosa.

— Prometemos afastar-nos de qualquer situação que pareça anunciar perigo, não é, Cris?

O irmão acenou várias vezes com a cabeça.

— Claro que sim. Participar de uma escavação e visitar grutas já são aventuras suficientes, daquelas que mais gosto. É o melhor presente de anos que me podes dar, mãe: convidar o Tó Jú e o Daniel para nos acompanharem. Será um passeio muito mais animado com eles!

A expressão de Ana Maria suavizou-se com o pedido do filho e fitou-o, hesitante.

— Mesmo que eu concorde, a vossa tia Cristina não deve permitir. Vocês bem sabem que, quando se juntam os quatro, metem-se nas peripécias mais mirabolantes, de nos fazerem cabelos brancos...

---

<sup>3</sup> N.º 1 da coleção: *Os Aventureiros na Gruta do Tesouro*. (N. da A.)

A filha teve vontade de a corrigir e referir que eram cinco, e não quatro, pois o *João* era um elemento do grupo e bastante valioso, porém conteve-se. O corvo já os ajudara em diversas ocasiões, não só contra os malfeitores com que às vezes se deparavam nas suas aventuras, mas também descobrindo pistas importantes.

— Oh, mãe, um passeio estupendo destes, sem eles, não terá a mesma graça. Se é presente de aniversário, só o aceitarei se eles forem também — declarou Cris, lealmente.

— Na última vez que estiveram com os vossos primos, a Cristina só os deixou ir a Elvas<sup>4</sup> por nós lá estarmos, tal como a própria irmã. Mesmo assim, conseguiram meter-se em grandes sarilhos. Não acredito que dê autorização...

Miguel percebeu o ar desanimado dos filhos e teve pena deles.

— Estarei de olho neles!

Ana Maria lançou um olhar escandalizado ao marido.

— Como se tu não tivesses já sido arrastado para aventuras com eles, tal como a tua outra prima!

Miguel piscou o olho aos filhos. Era comandante de um navio de passageiros, ausentando-se frequentemente, além de ter um outro trabalho secreto em que, por vezes, se envolvia em situações perigosas, muitas delas com os filhos e os sobrinhos.

— Nós prometemos fugir a sete pés de qualquer aventura que surja. E o Tó Jú e o Daniel farão o mesmo — afirmou Cris, muito sério.

Ana Maria franziu a testa.

— Não acredito que a vossa tia vá nisso.

— Cris, é melhor seres tu a pedir à tia. Ela tem um fraquinho por ti! — sugeriu Bia, com um sorriso e fazendo o irmão corar.

---

<sup>4</sup> N.º 15 da coleção: *Os Aventureiros e o Enigma do Forte*. (N. da A.)

— Que disparate! A tia Cristina gosta de ambos!  
«Disparates! Só disparates! Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!  
És mesmo parvo!»

Desta vez Cris emudeceu, enquanto o pai e a irmã se riam e a mãe sorria, sem o conseguir evitar.

Cris acabou por sorrir também, enquanto abanava a cabeça.

— Pedimos os dois! ‘Bora lá telefonar à tia?



## CAPÍTULO II

### *Uma surpresa!*

— **D**aniel! DANIEL! Chega cá acima depressa! — gritou Tó Jú, à janela do primeiro andar da vivenda onde moravam.

Um rapaz de doze anos, moreno, com ar traquina, cabelos e olhos castanhos, que estava a desmontar da bicicleta, ergueu os olhos, alvoroçado. Ainda mais ficou ao ver o irmão fazer-lhe um gesto impaciente com a mão.

Largou a bicicleta, que caiu com um enorme estrondo, provocando uma careta a Tó Jú, e, num ápice, correu para a porta, irrompeu pela casa adentro e subiu a grande velocidade a escada, quase indo esbarrar contra a parede. Equilibrou-se no último momento e invadiu o quarto, excitado, e quase sem fôlego.

— Que foi, Tó Jú? Que aconteceu?

O irmão não conseguiu disfarçar um sorriso divertido.

— Podias ter estacionado bem a bicicleta, não é? Se a mãe vê, levás um ralhete!

Daniel fitava-o, ansioso. Encolheu os ombros.

— Não quero saber disso agora! Porque me chamaste?

— Recebi uma mensagem da Bia, avisando que ela e o Cris vão telefonar à mãe para lhe pedirem para que os acompanhemos a Penela... — informou, em voz baixa.

Um sorriso de orelha a orelha assomou ao rosto simpático de Daniel. Até os seus olhos pareciam rir.

Para espanto de Tó Jú, o irmão começou a fazer uma dança maluca no meio do quarto, fazendo-o sorrir, mas acabou por bater com um pé na esquina de uma secretária,

arrancando-lhe um grito de dor e começando a saltar ao pé-coxinho.

Ouviu-se um toque de telefone e Tó Jú levou o dedo aos lábios para lhe pedir silêncio.

Daniel engoliu a custo os “*ais*” que sentia necessidade de expressar e foi ao pé-coxinho até à porta, para ficar à escuta. Ouviu a voz da mãe.

Tó Jú lançou-se escada abaixo, seguido pelo irmão, aos saltinhos num pé e agarrado ao corrimão. A pressa foi tanta que Daniel se estatelou no *hall*, fazendo a mãe erguer os olhos para ele, sobressaltada, e parar o que estava a dizer.

— Daniel! Para que é essa pressa toda? Magoaste-te?

O filho levantou-se, sentindo-se um pouco azamboado, mas abanou a cabeça. A mãe retomou a conversa ao telefone, fitando ambos os filhos, com um ar muito desconfiado.

— Ah, foi o maluco do meu filho mais novo que, com a pressa de vir ver com quem eu falava ao telefone, se estampou no chão. O Tó Jú também cá está, desconfio bem para quê...

Do telefone veio um risinho de Bia. Depois a voz de Cris continuou do outro lado.

Cristina escutava, mas o seu rosto não demonstrava entusiasmo, antes pelo contrário.

— Desta vez não, meu querido. Jurei a mim mesma que tão cedo não permitiria que se juntassem. Vocês quando se reúnem, metem-se sempre em sarilhos.

Os filhos entreolharam-se, desconsolados.

— Oh, mãe, não digas isso! — lamentou-se Tó Jú.

— Até parece que não tenho razão. O Daniel há bem pouco tempo foi raptado em Sagres<sup>5</sup> e tu ficaste preso em várias situações. E já nem falo do que aconteceu cá mesmo, e em Alcobaça, Óbidos, etc, etc.

Tó Jú piscou o olho a Daniel. Era o mais velho do grupo,

---

<sup>5</sup> N.º 14 da coleção: *Os Aventureiros e os Piratas da Falésia*. (N. da A.)

alto e forte, rosto simpático, sempre com uma expressão risonha, e com quem toda a gente logo simpatizava e confiava. A cor da pele, do cabelo e dos olhos era idêntica à do irmão.

— Mas sempre nos saímos bem, mãe, e desenvencilhámo-nos em qualquer situação. Tens uns filhos inteligentes e espertos. E lindos! — declarou ele, bem-disposto.

Cristina tentou conter um sorriso com o último comentário do filho. Era uma senhora bonita, com trinta e poucos anos, de cabelos pretos e olhos esverdeados.

Daniel sorriu com um ar trocista.

— É verdade. O mano tem razão. Somos espertos, matrieiros e lindos, mas a mãe gosta mais de mim porque eu sou mais bonito do que tu, Tó Jú!

Cristina desatou a rir às gargalhadas e os filhos também. Aquele Daniel tinha um sentido de humor muito engraçado. No outro lado da linha ouviram-se as risadas de Cris, Bia e Miguel.

— Ora, ora! Até parece que não é verdade!... — disse Daniel, tentando ficar sério e parecer ofendido, mas sem o conseguir.

— Nada nos acontecerá, *mãezoscas* — tranquilizou Tó Jú, abraçando a mãe, carinhosamente.

— Era o melhor presente de aniversário que eu poderia receber, tia Cristina — disse a voz do outro lado.

Cristina exalou um profundo suspiro, quase vencida.

— E os quatro prometemos que, se desconfiarmos de um cheirinho a qualquer aventura, sairemos a voar dali para fora! — acrescentou Bia, em voz alta.

Os primos fizeram um aceno afirmativo. Naquele momento, prometeriam tudo só para voltarem a estar juntos.

Agora ouvia-se a voz de Miguel.

— É uma oportunidade única que dificilmente voltarão a ter, Cristina.

— E tu e a Ana Maria estarão com eles?

— Claro que sim! Não te preocupes. Os rapazes ficam bem entregues!

Daniel escutava tudo de olhos arregalados de entusiasmo. Achava que a mãe já estava quase convencida. Apetecia-lhe fazer mais uma das suas danças amalucadas, mas, infelizmente, ainda lhe doía o pé.

— Mãezinha, deixa lá! Vê só o quanto poderás descansar. Terás carradas de silêncio e sossego... Vais ver que ficarás até feliz por nos veres pelas costas...

Cristina sorriu. Era o sinal de que aceitara. Os filhos abraçaram-na e beijaram-na, loucos de alegria.

Depois de a mãe estar ainda a conversar uns momentos com o primo Miguel, passou-lhes o telefone, deixando abandonada ao lado do telefone uma frigideira e uma cebola, arrancando-lhes gargalhadas.

Cristina era tremendamente distraída e fazia as coisas mais hilariantes que imaginar se possa, motivo de divertimento na família.

Só quando perceberam que a mãe andava a espreitar para dentro do frigorífico e da máquina de lavar para ver se, nas suas inúmeras distrações, teria lá metido a frigideira e a cebola, é que Daniel foi ter com ela, sempre a rir.

Tó Jú teve de contar aos primos o motivo da risota e eles acabaram também por se rir com mais aquela peripécia da tia Cristina. É claro que o corvo fazia coro com eles.

Estiveram depois a combinar tudo com Cris e Bia. Já sabiam que bastava levar sapatilhas, uma muda de roupa, de preferência velha, para poderem trabalhar nas escavações da *Villa* romana, além de luvas de jardinagem, que Bia já comprara a contar com eles. Estava tudo resolvido. Sentiam-se os quatro felicíssimos e continuaram a trocar mensagens nos telemóveis até bastante tarde.

No dia seguinte, os rapazes despertaram muito cedo para apanharem o expresso para Coimbra. Encontrar-se-iam lá, os primos saindo de Lisboa e eles da Nazaré.

Daniel, com a excitação, quase não dormira. Acordara com as galinhas e, após um duche rápido, em que esfregara furiosamente a cabeça e o corpo, quase arrancando a pele e arriscando-se a ficar careca, correrá ao quarto do irmão, ainda a pingar, abanando-o com brusquidão, e quase o atirando da cama abaixo.

Foi com impaciência que esperou que ele tomasse banho. Depois pegaram nas mochilas e desceram as escadas a correr, sentando-se à mesa da cozinha e tomando o pequeno-almoço, bem-dispostos.

A mãe já lhes preparara um lanche para a viagem digno de um batalhão: sandes de omelete, de queijo e de carne assada, fatias de bolo de laranja, rissóis de camarão, pastéis de bacalhau e croquetes, além de garrafas de água, pacotes de sumos e leite com chocolate. Quando arrumou tudo nas duas mochilas, ficaram pesadíssimas. Ignorou o protesto dos filhos pelo peso, respondendo com um: «Depois agradecerão e vocês aguentam bem!»

Despediram-se dela com beijos repenicados e abraços apertados. Já se haviam despedido do pai na noite anterior, e trotaram até ao centro da vila, sorridentes.

Entraram na viatura e sentaram-se nos lugares marcados. Por vontade de Daniel, teria ido toda a viagem a dar à língua, mas, para sua grande desilusão, o irmão dormitou na viagem. O rapaz teve de se contentar com ir apreciando a paisagem enquanto ia trocando mensagens com os primos, através do telemóvel de Tó Jú.

Na última aventura, Daniel ficara sem o seu telemóvel, o que já nem fora a primeira vez. Fizera tiro ao alvo com ele à cabeça de um homem que tentara prendê-lo no Forte da



Graça, e ficara todo espatifado. Em castigo, não recebera outro, embora tivesse esperança de receber um novo no Natal.

Pareceu-lhe que a viagem era interminável, mas, finalmente, ao avistar o *Portugal dos Pequenitos*, onde fora uma vez em excursão escolar, respirou de alívio e abanou o irmão. Chegavam a Coimbra e ainda nem eram dez horas.

Os primos já estavam na estação rodoviária e, quando os rapazes saíram, abraçaram-se, no cúmulo do entusiasmo.

— Bem-vindos à *Cidade dos Estudantes*<sup>6</sup>! — disse Cris, com um sorriso rasgado

*João* saudou-os aos gritinhos desafinados, fazendo-os sorrir. Parecia tão excitado quanto eles por se voltarem a ver.

«Caramba! Há aqui um enorme buracão!... Um enorme buracão! Safa!», articulou ele, desatando às gargalhadas.

— Meu rapaz, pareces-me um nadinha confuso!...

---

<sup>6</sup> Coimbra também é conhecida como *Cidade do Conhecimento*, por a sua universidade ser uma das mais antigas da Europa. (N. da A.)

Onde raio é que tu estás a ver o buracão? — gracejou Tó Jú, coçando-lhe o dorso, divertido.

«Olha que tu levaste!... Maroto!»

Sorriram com a resposta do corvo.

— Onde estão os vossos pais? — inquiriu Daniel, olhando em redor.

Bia piscou-lhe um olho.

— Estão no café, a abastecerem-se de pastéis de Tentúgal para a viagem! Vamos ter agora com eles.

Um sorriso assomou ao rosto do rapaz. Embora nunca tivesse provado os ditos pastéis, imaginava que seriam muito deliciosos.

Cruzaram-se com imensas pessoas e o corvo ia-as cumprimentando com o seu habitual «Oo-láá!» muito educado, erguendo a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «láá!», deixando-as apardaladas. Estragava tudo quando depois lhes começava a gritar: «Xô, melgas! XÔ! Andor, andor!»

— Temos de ter muita cautela desta vez, porque a mãe prometeu não nos deixar voltar a juntar se mais uma vez nos metêssemos noutra aventura — avisou Tó Jú, enquanto caminhava e se desviava das inúmeras pessoas que lá estavam, chegando ou partindo. — Se desconfiarmos de alguma coisa estranha ou suspeita, avisaremos logo os adultos e fugimos dessas situações.

Bia e Daniel trocaram um olhar fugaz. Eram ambos doidos por aventuras e costumavam arrastar os mais velhos para essas situações. Apesar de saberem que estavam proibidos de se envolverem em qualquer situação perigosa, lá no fundo adorariam.

— Isso é ponto assente. Desta vez não podemos falhar! — concluiu Cris. O rapaz era só três meses mais novo do que Tó Jú, mas devido à constituição deste, parecia haver maior diferença.

«Disparates! Só disparates! O mundo tá perdido!»